

Direitos autorais 2020 *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-  
NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional. Fonte:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/39022>. Acesso em:  
03 maio 2021.

#### REFERÊNCIA

COSTA, Jales Dantas da. O jovem Engels: vida e obra. ***Germinal: Marxismo e Educação em Debate***, Salvador, v. 12, n. 3, p. 8-33, jan. 2021. DOI:  
<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i3.39022>. Disponível em:  
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/39022>. Acesso em:  
03 maio 2021.

## O JOVEM ENGELS: VIDA E OBRA

## EL JOVEN ENGELS: VIDA Y OBRA

## THE YOUNG ENGELS: LIFE AND WORK

<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i3.39022>

Jales Dantas da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a trajetória de vida e obra do jovem Engels, o seu complexo processo de amadurecimento intelectual e de práxis revolucionária até libertar-se por completo de suas concepções idealistas, adotar definitivamente uma posição materialista e de defesa do comunismo proletário. A tarefa de reconstrução histórica se faz mais do que oportuna neste ano de 2020, não apenas pelas comemorações em torno do bicentenário de seu nascimento, mas também pela necessidade de resgatar sua memória histórica, seus muitos ensinamentos e seu resolutivo compromisso desde a mais tenra juventude em enterrar toda a iniquidade e a barbárie produzidas pelo modo de produção capitalista.

**Palavras-chave:** Friedrich Engels; Alemanha; Inglaterra; materialismo histórico e dialético; comunismo

**Resumen:** Este artículo analiza la trayectoria de vida y la obra del joven Engels, su complejo proceso de maduración intelectual y de praxis revolucionaria hasta libertarse por completo de sus concepciones idealistas, adoptando definitivamente una posición materialista y defendiendo el comunismo proletario. La tarea de reconstrucción histórica es más que oportuna en este año de 2020, no solo por las celebraciones en torno al bicentenario de su nacimiento, sino también por la necesidad de recuperar su memoria histórica, sus múltiples enseñanzas y su decidido compromiso desde la más temprana juventud e enterrar toda la iniquidad y la barbarie producida por el modo de producción capitalista.

**Palabras clave:** Friedrich Engels; Alemania; Inglaterra; materialismo histórico y dialéctico; comunismo

**Abstract:** This article analyzes the trajectory of life and the work of the young Engels, his complex process of intellectual maturation and revolutionary praxis until he was completely free of his idealistic conceptions, and definitively adopted a materialist position and defended proletarian communism. This task of historical reconstruction is more than opportune in this year of 2020 not only because of the celebrations around the bicentenary of his birth, but also because it is necessary to rescue his historical memory, his many teachings and his resolute commitment since youth in burying all the iniquity and barbarism produced by the capitalist mode of production.

**Keywords:** Friedrich Engels; Germany; England; historical and dialectical materialism; communism

### Introdução

Coube ao historiador alemão Gustav Mayer esclarecer a crônica da vida do companheiro de lutas e ideias de Karl Marx. O fez com a publicação de uma monumental biografia de Friedrich Engels em dois tomos. *Friedrich Engels: Eine Biographie* foi publicado em alemão no ano de 1920 e uma segunda edição

apareceu em 1934. Neste exemplar trabalho, Mayer se valeu de enorme material biográfico – as correspondências entre Marx e Engels e outros companheiros de lutas, um conjunto de cartas de seus contemporâneos, memórias e uma série de outros documentos – que até então havia sido pouco publicado. Mas não obstante o fato da vida de Engels ter sido magistralmente apresentada no contexto histórico de seu tempo por Mayer, e que também há um conjunto de outros trabalhos de natureza biográfica – a exemplo da publicação de *Friedrich Engels: Biografia*, de um coletivo de autores russos do Instituto de Marxismo-Leninismo, vinculado ao antigo partido comunista da União Soviética –, o primeiro dado a sublinhar é que o trabalho biográfico de Mayer ainda não fora traduzido e publicado em português, mesmo tendo passado um século desde a publicação de sua primeira edição, e que há pouquíssimos trabalhos de natureza biográfica sobre Engels em nossa língua materna – além do referido trabalho *Friedrich Engels: Biografia*, traduzido pela editora “Avante!” no ano de 1986, a editora Record publicou em 2010 o livro do professor Tristram Hunt, *Comunista de casaca: A vida revolucionária de Friedrich Engels*. De fato, a obra de Engels vem merecendo maior atenção do público brasileiro nas últimas décadas, por meio da publicação de seus escritos (próprios ou em parceria com Marx) pelo esforço de diversas editoras, como Boitempo, Expressão Popular, Civilização Brasileira, Centauro, Paz e Terra, Moraes, Ática, Afrontamento, Global, Iskra, Centelha Cultural, Edipro entre outras. Mas seus escritos mais juvenis (diferentemente dos escritos do jovem Marx) seguem negligenciados, a exceção d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, e que só mais recentemente (em 2010) mereceu nova edição pela Boitempo. Tal observação não é nova e já fora reconhecida por José Paulo Netto.

Se justificadamente, os textos do jovem Marx receberam, a partir de sua publicação, especialmente nos anos trinta do século XX, uma atenção cuidadosa, quase sempre a produção do jovem Engels é descuidada e reduzida, injustificadamente, ao *tour de force* intelectual que resultou n' *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. (NETTO, 2010, p. 18-19)

E como esse descuido para com os trabalhos do jovem Engels segue vigente (mesmo considerando os esforços editoriais e do meio acadêmico mais crítico), bem como sua trajetória de vida inicial nos parece pouco conhecida de nosso público, o presente artigo objetiva dar maior visibilidade a trajetória de vida e obra desse jovem revolucionário, e, ao fazê-lo, também afastar, e desde já, interpretações que vislumbre “corte” entre o jovem e o velho Engels<sup>2</sup>. A seu modo, como veremos, ele também passou por um complexo processo de amadurecimento intelectual e de práxis revolucionária até libertar-se por completo de suas concepções idealistas, adotar definitivamente uma posição materialista e de defesa do comunismo proletário, e produzir obras do porte do *Esboço de uma crítica da economia política* e *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Contam aí os anos de sua adesão inicial (e posterior ruptura) com a Jovem Alemanha, “embora nunca de maneira incondicional” (Luckács), dado a sua militância democrática radical; o seu envolvimento com os Livres e jovens hegelianos de esquerda, com as ideias de Heine, Börne, Strauss, com a dialética hegeliana e o materialismo de Feuerbach; a dedicação intensa aos estudos científicos da economia política inglesa e do socialismo francês; bem como o contato com o movimento operário inglês, em especial à sua cooperação com a ala revolucionária do cartismo, que marca um momento decisivo em sua formação intelectual e política. Tal reconstrução histórica se faz mais do

que oportuna neste ano de 2020, não apenas pelas comemorações em torno do bicentenário de seu nascimento, mas também pela necessidade de resgatar sua memória histórica, seus muitos ensinamentos e seu resolutivo compromisso desde a mais tenra juventude em enterrar toda a iniquidade e barbárie produzidas pelo modo de produção capitalista.

### ***Contexto histórico alemão e o jovem Engels***

O contexto histórico alemão com que nos ocupamos descende das tribos germânicas dos tempos da Antiguidade, então constituída por uma estrutura social formada por agricultores assentados, num sistema econômico predominantemente pastoril e de um primitivo modo de produção comunal, com pequenas disparidades de riqueza entre clãs e famílias.<sup>3</sup> Essa rudimentar estrutura social só veio a se modificar no início da Era Cristã com a chegada dos Romanos ao Reno e sua ocupação temporária da Germânia até o Elba. A mudança veio pelo comércio de mercadorias luxuosas via fronteira, e produziu uma crescente estratificação dos modos de produção comunais nas florestas germânicas, substituindo com o tempo a igualdade originária dos clãs. Seguiu-se uma “longa simbiose” entre as formações sociais romanas e germânicas nas regiões de fronteira até que de sua “colisão derradeiras e cataclísmica” surgisse tardiamente o feudalismo nessa espacialidade.

Na “derradeira síntese feudal”, o elemento romano ficou na Germânia “muito mais fraco, mediado pelo novo mando do Estado carolíngio sobre essas regiões fronteiriças”<sup>4</sup>. A transição para o feudalismo foi bastante lenta na Germânia (assim como na Inglaterra), pois o que prevaleceu durante muito tempo fora o domínio nativo da herança bárbara, sendo a influência romana apenas superficial. O caráter primitivo e comunal da sociedade germânica, organizada legalmente sobre uma base quase tribal, impediu a presença de uma estrutura administrativa de nobres ao estilo do velho *civitas* romano.<sup>5</sup> Um campesinato alodial com fortes instituições comunais e uma nobreza de clãs federativos, destituídos de qualquer organização em rede de vassalagem persistiu na Germânia até bem depois do início da crescente diferenciação hierárquica na sociedade rural, do aumento dos laços de dependência e da consolidação de clãs guerreiros em uma aristocracia dona de terras.<sup>6</sup> O “feudalismo completo” só penetrou na Germânia no século XII. Ainda assim, “ele se construiu *contra* a integração monárquica do território”<sup>7</sup>. Uma vez cristalizada a nova estrutura social, a dinastia Hohenstaufen procurou construir um poder imperial renovado em sua base, admitindo a mediação das jurisdições e ramificações de vassalagem que passaram a se desenvolver na Germânia.<sup>8</sup> Depois de mais de um século de guerras e com a derrota da linhagem Hohenstaufen, a Germânia se converteu num complexo arquipélago de principados. Na Alemanha a oeste do Elba (assim como na Itália) se proliferaram pequenos principados (“um tipo de microabsolutismo”) que cristalizaram as divisões do país.<sup>9</sup>

Séculos depois, já em princípios do XIX, haviam muitos Estados numa Alemanha ainda não unificada e incapaz de se erguer como um Estado nacional moderno. Mesmo a Confederação Germânica, fundada em 1815 durante o Congresso de Viena, não foi precursora do Estado-alemão, mas sim uma aliança entre esses diversos Estados por meio da qual os príncipes alemães asseguravam os seus próprios

domínios. Sob o comando da Prússia, a Confederação Germânica possuía dezenas de Estados independentes com sistemas de representação política diversificados e restritivos, burocracias de raiz feudal e submetida à dominação da nobreza fundiária. Ademais, eram então fortes as relações entre política e religião, muito mais expressivas do que atualmente. Os Estados não eram laicos. A Prússia, por exemplo, considerava-se um “Estado cristão”. O cristianismo protestante era tido como o alicerce fundamental do Estado prussiano. A estrutura política desse período padecia de grande imobilismo, não obstante as “promessas de Constituição” sinalizadas por Frederico Guilherme III após o decreto de 22 de maio de 1815. Quando ficou claro o seu não cumprimento, a insatisfação da burguesia liberal alemã passou a ser constante. Os representantes mais radicais no interior do movimento de oposição eram as associações estudantis, que priorizavam a unidade da “nação” alemã em relação às dinastias monárquicas e dos príncipes. Logo após as comemorações do Festival de Wartburg em outubro de 1817<sup>10</sup>, a Confederação Germânica aprovou os decretos de Karlsbad, inaugurando um período repressivo, de combate as tendências liberais e nacionalistas, reforçando o controle sobre professores e estudantes, introduzindo uma censura prévia para periódicos e materiais impressos, e encerrando a política de reformas da Prússia<sup>11</sup> – desatadas em 1806 quando de sua derrota em Iena numa nova guerra contra a França. E não obstante as influências esperançosas da Revolução de Julho de 1830 na França, ao demonstrar que levantes revolucionários ainda podiam ter certo êxito, as agitações e oposição alemã seguiram reprimidas, e nos dois maiores Estados alemães, Prússia e Áustria, nada havia se alterado.

Economicamente, as características gerais da Alemanha durante a primeira metade do século XIX eram basicamente fundadas em relações semifeudais no campo, um artesanato corporativo e uma indústria doméstica. Mas a situação de algumas de suas regiões passava por importantes transformações com a expansão de relações capitalistas, sem, no entanto, vivenciar as transformações próprias da revolução burguesa experimentadas em outros países, notadamente Inglaterra, Bélgica e França. A emergente burguesia alemã era tanto mais débil como politicamente mais vacilante. Uma das partes economicamente mais avançadas da Alemanha era a província Renânia da Prússia<sup>12</sup>, que nesse período se desenvolvia rapidamente pela via capitalista, já com a presença de uma produção fabril – contribuíram para tanto a existência de uma grande via fluvial (o rio Reno), grandes reservas de minério de ferro e de carvão, e a manutenção de uma legislação mais progressista, estabelecida durante o domínio francês (Código Napoleão). Politicamente, também na Renânia (e nas regiões da margem esquerda do Reno) difundiu-se entre a população ideias liberais-democráticas, dado que a influência da Revolução Francesa de fins do século XVIII manifestou-se ali mais intensamente do que em outras regiões alemãs. Mas, como vimos, sem alterações substanciais em suas instituições sócio-políticas.

Todo esse desenvolvimento capitalista nas áreas economicamente mais desenvolvidas da Alemanha, e em particular na província Renânia da Prússia, significou para os trabalhadores alemães graves privações e uma pesada exploração. Os artesãos eram obrigados a trabalhar numa jornada exaustiva para aguentar a forte concorrência das fábricas. E para piorar, a introdução de máquinas nas fábricas deu início a ampla utilização do trabalho barato de mulheres e mesmo de crianças. Em suma, a sorte do nascente operariado alemão era sobreviver com um trabalho esgotante, por um salário medíocre e em

péssimas condições de habitação. Ideologicamente pouco desenvolvido e mal organizado, o proletariado alemão só viria começar a despertar sua consciência de classe na década de 1840. Tal era o contexto histórico de “miséria alemã” com o qual Engels vivenciou em sua infância e juventude, que se contrastava com a grandeza de sua cultura, bem expressa na arte de Goethe e na filosofia de Hegel.

Friedrich Engels nasceu em 28 de novembro de 1820 na cidade de Barmen, um dos grandes centros industriais da província Renânia. Desde a infância teve diante dos olhos a miséria desesperada de trabalhadores, e na juventude despertou um ódio ao absolutismo e à arbitrariedade da burocracia prussiana, bem como a simpatia pelos povos que lutavam por independência nacional. Engels foi o filho mais velho (de outros três irmãos e quatro irmãs) de Friedrich Engels (1796-1860) e Elisabeth Franziska Mauritia van Haar (1797-1873). O pai era um homem enérgico e empreendedor, rico industrial têxtil<sup>13</sup> muito religioso (rígido pietista) e de convicções políticas conservadoras, tal como os demais industriais de Barmen. Engels não encontrava no pai apoio para as suas sempre crescentes aspirações intelectuais. Mas o tinha em sua mãe que provinha de um meio intelectual. Seu avô materno, Gerhard Bernhard van Harr, fora filósofo e reitor do liceu de Hamm. Elisabeth era uma mulher sensível e alegre, de finos dotes intelectuais, com grande apreço pela literatura e arte.

Engels frequentou a escola *Stadtschule* em Barmen até os 14 anos, onde reinava o espírito da intolerância religiosa e a rotina. Em outubro de 1834 foi para o *Gymnasium* municipal de Elberfeld, considerado uma das melhores escolas da Prússia. Aí também a religião exercia uma influência embrutecedora. Era extraordinariamente forte a orientação mais fanática da igreja luterana, o pietismo. Seus seguidores declaravam pecaminosas leituras de literatura não religiosa, assim como o teatro e quaisquer diversões. Ainda assim, mesmo nesses ambientes os quais considerava como “prisões”, aspirou adquirir ampla formação, e, de fato, adquiriu bons conhecimentos em matemática, física e química, despertou notáveis capacidades para línguas estrangeiras e para línguas antigas, bem como entusiasmou-se com a literatura clássica alemã e o estudo de história.

Ele pretendia ingressar na universidade e estudar ciências econômicas e jurídicas, mas por insistência de seu pai, desejoso de ver seu filho primogênito tornar-se logo seu sucessor nos negócios familiares, o encaminhou para iniciar a aprendizagem na atividade comercial em seu escritório, mesmo antes de Engels concluir seus estudos no *Gymnasium*. Era um trabalho que não definitivamente não o atraía, mas o tempo que lhe sobrava dedicava ao estudo de história, filosofia, literatura, linguística e poesia. Em meados de 1838 foi enviado para a grande cidade portuária de Bremen, quando ainda não havia completado 18 anos. Seu pai o levou para trabalhar numa grande firma de seu amigo Heinrich Leupold. Em Bremen (onde ficou até março de 1841) dedica o tempo livre à leitura de política e ficção, estuda com entusiasmo diversas línguas estrangeiras (latim, grego antigo, italiano, espanhol, português, francês, inglês, holandês entre outras), interessa-se por poesia (seu primeiro trabalho publicado foi o poema *Os Beduínos*), música, folclore, livros populares (publicou em 1839 o artigo *Os livros populares alemães*) e frequenta concertos e teatro (escreve em fins de 1840 e 1841 *Cola di Rienzo*, um drama em verso para libreto de uma ópera).

Neste tempo havia um crescente movimento liberal e democrático na Alemanha, impulsionado

pela revolução de Julho de 1830 na França. Mas a sua burguesia estivera muito longe da coesão e força das burguesias inglesa e francesa quando de suas lutas contra o feudalismo em seus países. Isso se devia ao atraso econômico e a fragmentação política do país. Existiam na Alemanha 38 Estados independentes, formalmente reunidos na Confederação Germânica. Tal fragmentação constituía forte obstáculo ao desenvolvimento econômico e político do país, além de condená-lo à dependência das grandes potências europeias. Na Prússia, o poder político estava concentrado na nobreza reacionária e nos altos funcionários. E quaisquer aspirações à liberdade política eram esmagadas por uma burocracia onipotente. Frederico Guilherme IV, no trono desde 1840, obcecado por ideias religiosas e místicas, impedia manifestações de pensamento livre por meio de feroz censura. Membro da Santa Aliança, que unia desde 1815 monarcas europeus para reprimir movimentos revolucionários em diversos países, Frederico fora um adepto furioso do princípio do poder real absoluto e procurou como pode manter a sobrevivência do feudalismo.

Mas o desenvolvimento das relações capitalistas e o crescente papel da burguesia na vida alemã, impulsionavam as aspirações burguesas de eliminar as barreiras que o absolutismo erguia ao maior desenvolvimento do capitalismo e a abrir espaço para o poder político no país. Foi na filosofia e literatura que primeiro se exprimiram um movimento burguês liberal e um movimento mais radical, por ser nesses domínios os mais possíveis de exprimir um espírito independente e lutar contra a reação conservadora. Engels logo simpatiza com a tendência literária Jovem Alemanha<sup>14</sup> que unia jovens intelectuais adeptos de Heinrich Heine e Ludwig Börne. Em março de 1839 conhece Karl Gutzkow, um dos principais representantes da Jovem Alemanha, e passa a colaborar no periódico hamburguês *Telegraph für Deutschland*. É o início de suas primeiras intervenções na imprensa. Na *Telegraph* publicou anonimamente o poema *Uma noite* e outros dois artigos com o título geral *Cartas de Wuppertal*<sup>15</sup>, onde caracteriza as condições de vida em sua cidade e critica o espírito pietista e beato e as relações sociais de Barmen e Elberfeld.

Numa passagem das *Cartas* assinala que

entre as classes inferiores reina uma miséria terrível, particularmente entre os operários fabris de Wuppertal; a sífilis e as doenças de peito estão tão espalhadas que é difícil de acreditar; só em Elberfeld, de 2.500 crianças em idade escolar, 1.200 estão privadas de ensino e crescem nas fábricas (...) Os industriais ricos têm uma consciência elástica, e não é por abandonar mais ou menos uma criança à sua sorte que a alma de um pietista vai para o inferno, em especial se essa alma for à igreja duas vezes todos os domingos. Porque está provado que entre os industriais são pietistas os que mais mal tratam os seus operários. (ILITCHEV ET AL, 1986, p. 22-23)

Os exemplares da revista *Telegraph für Deutschland* com as *Cartas* de Engels foram rapidamente vendidos. Provocaram nos meios burgueses forte indignação, a ponto de o jornal *Elberfeld Zeitung* sair em defesa enérgica dos industriais e pietistas. O jovem Engels havia atingido seu alvo. Seu interesse por questões sociais, políticas e religiosas também foram expressas em correspondências e artigos publicados nos jornais *Allgemeine Zeitung* (jornal de grande difusão na Alemanha, editado em Augsburg, sem ter ainda o caráter reacionário que adquiriu depois) e *Morgenblatt für gebildete Leser* (jornal de tendência liberal indefinida que se publicava em Stuttgart), ainda sob o anonimato ou com o pseudônimo de Friedrich Oswald. Influenciado por David Friedrich Strauss<sup>16</sup>, os artigos publicados no *Leser* deixavam claro o seu afastamento das concepções religiosas tradicionais e sua aproximação do ateísmo. Neles critica as duas

tendências da igreja protestante, tanto o obscurantismo e o misticismo do pietismo como a inconsequência e irresolução dos racionalistas, que não tinham a coragem de explicitar a base filosófica de suas concepções. Também condena o jugo dos vestígios feudais na Alemanha, que obrigavam camponeses a emigrar para os Estados Unidos e as difíceis condições em que se encontravam os emigrantes.

Em fins de 1839 passa a se dedicar ao estudo dos trabalhos do filósofo germânico Georg Wilhelm Friedrich Hegel, afastando-se das ideias de Strauss. Em fins de 1840 já se assume neo-hegeliano. Influenciado pela filosofia hegeliana, publica (entre fevereiro de 1840 e janeiro de 1841) no *Telegraph für Deutschland* três artigos (*Sinais Retrógrados do Tempo*, *Requiem para o jornal da nobreza Alemã* e *Ernst Moritz Arndt*) onde busca aplicar as ideias fundamentais da dialética hegeliana à vida social, ao mesmo tempo em que critica os reacionários e sua defesa do velho sistema sociopolítico da Alemanha, e condena o ódio da nobreza alemã aos princípios democráticos da revolução burguesa francesa e seu desprezo por outros povos. Nesse momento ainda não há uma crítica direta à filosofia de Hegel, embora não partilhe dos princípios conservadores típicos de suas concepções sociopolíticas. Apoiava a ideia da história universal como desenvolvimento do conceito de liberdade, mas chega a conclusões políticas radicais bastante distintas das de Hegel. Enquanto o grande filósofo alemão concebia como algo imutável a divisão da sociedade existente em estados sociais, Engels rejeita resolutamente todas as instituições do passado, o sistema de estados sociais, o absolutismo, o culto da nobreza e a apologia das guerras. Os seus trabalhos entre 1838 e 1841 revelam o processo de formação de suas concepções democráticas revolucionárias. Partindo de tais concepções é que formula a tarefa para o desenvolvimento nacional da Alemanha, qual seja, a criação de um Estado livre de estados sociais dominantes e subordinados, e que passe então a representar uma “nação de cidadãos grande, única e igual em direitos”, pois “enquanto subsistir a fragmentação da nossa pátria seremos um zero político, a vida pública, o constitucionalismo acabado, a liberdade de imprensa e todas as nossas restantes reivindicações serão apenas votos piedosos cuja realização ficará sempre a meio” (idem, p.26).

### ***A vida em Berlim e os primeiros passos em direção ao materialismo***

Em fins de março de 1841 Engels partiu de Bremen para Barmen. Mas ficou por lá pouco tempo. A vida em Barmen já não o agradava mais como antes. Logo foi de bom grado cumprir o serviço militar obrigatório em Berlim<sup>17</sup>. Passou antes pela Suíça e o norte da Itália. Chegou em Berlim em setembro desse mesmo ano. Foi nessa cidade que deu os primeiros passos em direção ao materialismo. Frequentou a Universidade de Berlim na condição de estudante voluntário, e engaja-se precocemente no debate intelectual. Enquanto dedica-se cada vez mais às questões atuais da luta política e da filosofia, seus interesses puramente literários foram relegados ao segundo plano.

Os jovens hegelianos e os Livres<sup>18</sup> chamaram logo a sua atenção, que não demorou a aderir ao grupo, precisamente pela ousadia com que criticavam os dogmas religiosos e filosóficos, bem como pelas convicções políticas radicais de alguns de seus membros. Escreveu entre fins de 1841 e princípios de 1842, sobre forte influência das concepções materialistas de Ludwig Feuerbach<sup>19</sup> o artigo *Schelling sobre Hegel*, e

outros dois panfletos intitulados *Schelling e a revelação. Crítica da mais recente tentativa da reação contra a filosofia livre*, e *Schelling, filósofo cristão ou A transfiguração da sabedoria universal em verdade divina. Para cristãos que ignoram a terminologia filosófica*, nos quais critica Friedrich Schelling<sup>20</sup>, um destacado apóstolo da reação filosófica da ala hegeliana de direita<sup>21</sup> que fora correligionário de Hegel, mas tornara-se adversário de tudo o que havia de progressista na filosofia hegeliana. A imprensa conservadora e reacionária recebeu tais críticas com extrema irritação. Os jornais *Elberfelder Zeitung*, *Allgemeine Zeitung* entre outros atacaram com fervor o autor anônimo dos trabalhos contra Schelling. Já os órgãos de imprensa progressista na Alemanha e mesmo fora (caso da revista *Otétchestvennie Zapiski*, editada em Petersburgo) o apoiaram com entusiasmo, a exemplo do *Rheinische Zeitung*, *Hamburger Neue Zeitung*, e especialmente a revista *Deutsche Jahrbücher*, editada por Arnold Ruge.

No verão de 1842 Engels rompe definitivamente com a Jovem Alemanha. No artigo *Alexander Jung, lições sobre a literatura contemporânea dos alemães* critica abertamente os membros deste grupo por apoiarem Schelling, por se fecharem num estreito meio literário e se colocarem à margem da vida política e dos princípios filosóficos avançados. Ainda neste verão escreve, com a participação de Edgar Bauer, o poema satírico *A bíblia, insolentemente assediada, mas milagrosamente salva ou O triunfo da fé*<sup>22</sup>. Nesta paródia, Engels se apresenta como um devoto pietista, e descreve os defeitos dos jovens hegelianos e dos Livres de Berlim para então contribuir com o fim das “abominações da blasfêmia”. Assim, de maneira cômica ilustram a luta dos jovens hegelianos contra os partidários da religião, os inimigos da filosofia hegeliana.

Nesse tempo, Engels, então com vinte e dois anos, era querido e respeitado pelos Livres e jovens hegelianos, e a eles estava ligado. Mas diferentemente deles, avançava na necessidade da participação prática no movimento político de seu tempo, na luta pela liberdade política e pela democracia. Ridicularizou a contradição característica desse grupo, sua fraseologia revolucionária em contraposição ao distanciamento de qualquer atividade prática. De Engels se dizia ser “inconciliável e ardente”, “o mais à esquerda”, um *montagnard*<sup>23</sup>.

A partir da primavera de 1842 inicia sua colaboração na *Rheinische Zeitung für Politik, Handel und Gewerbe*<sup>24</sup> (Gazeta Renana de Política, Negócios e Comércio) com o artigo *Liberalismo Norte-Alemão e Sul-Alemão*. No outono desse mesmo ano escreve o ensaio *Frederico Guilherme IV, Rei da Prússia* (publicado posteriormente na coletânea *Vinte e Uma Folhas da Suíça*), onde analisa a política de *Frederico Guilherme IV* e critica sua “autoridade absoluta” e a ideia de um “Estado cristão alemão” para perpetuar o sistema feudal no país. Demonstra a necessidade da reforma do sistema político da Prússia para erigir o reino da “liberdade absoluta”. Considera que o projeto do monarca estava destinado ao fracasso, pois a situação do momento lembrava a da França na véspera de 1789. A esta altura as ideias comunistas já estavam difundidas, mesmo na Alemanha, e Engels acompanhava o desenvolvimento do pensamento socialista e comunista nos países europeus, e tomava conhecimento das teorias do socialismo e comunismo utópicos. Ao fim de sua permanência em Berlim estava cada vez mais convicto que só o comunismo poderia resolver completamente a questão social alemã.<sup>25</sup>

Ao findar o serviço militar no início de outubro de 1842 Engels regressa a Barmen<sup>26</sup>, onde permanece por apenas alguns poucos dias, pois seu pai decide enviá-lo Manchester<sup>27</sup> com vistas não só a

que seu filho adquirisse prática comercial na fábrica de fiação da firma *Ermen & Engels*, como também afastá-lo da luta das ideias que se tornavam cada vez mais abertas na Alemanha. Em 16 de novembro de 1842, ainda antes de sua chegada a Londres e posteriormente Manchester, visita novamente a Gazeta Renana, em Colônia, onde se dá o seu primeiro encontro com Karl Marx<sup>28</sup>, então chefe da redação do jornal.

### ***Contexto histórico inglês***

A Inglaterra que Engels irá encontrar em sua primeira estância<sup>29</sup> é um país com uma população densa (de quase dois milhões de habitantes), laboriosa e inteligente, a maioria ocupada na indústria. Suas imensas cidades industriais já eram então capazes de fabricar quase tudo com a ajuda de complexas máquinas, bem como fornecer produtos para o mundo. Os grilhões do poder produtivo já haviam sido retirados no país berço da revolução industrial há mais de meio século, por volta da década de 1780, e a “solução radical e única do problema agrário”, isto é, a eliminação do “campesinato no sentido continental”, já vinha sendo preparada entre os séculos XVI e XVIII. A antiga aristocracia e os proprietários de terras britânicos não tinham de deixar de ser feudais, pois já não o eram há muito, e até o início da década de 1840 pouco foram afetados pela revolução industrial, salvo para melhor, dado a expansão de suas rendas com a maior procura de produtos agrícolas, com a expansão das cidades (no interior de suas propriedades) e o desenvolvimento de minas, forjas e estradas de ferro que se encontravam (ou atravessavam) suas propriedades. E mesmo durante tempos adversos para a agricultura (como entre os idos de 1815 e 1830), dificilmente empobreciam. Sua predominância social estava intocada, e mesmo o seu poder político assim também se encontrava não só no campo como em todo país, apesar de serem obrigados (a partir da década de 1830) a levar em conta reivindicações de uma poderosa, militante (Liga contra a Lei do Trigo) e ascendente e vitoriosa “classe média” de empresários.

O mesmo não se pode dizer da maioria da população inglesa, o operariado nascente e o contingente de pobres e miseráveis. Pois a revolução industrial representou uma mudança social fundamental ao transformar profundamente seus antigos estilos de vida e de trabalho. Na sociedade pré-industrial inglesa, as famílias (em grande parte) possuíam propriedades agrícolas, oficinas artesanais, entre outros instrumentos de trabalho, ou tinham suas rendas salariais suplementadas (em maior ou menor medida) pelo acesso direto aos meios de produção. Já o nascente operariado inglês se viu desprovido de propriedades e passou a sobreviver praticamente do salário em dinheiro que recebera de seu patrão, como pagamento por seu trabalho. Esse vínculo exclusivo (recebimento de salário em troca de trabalho) que estabelecera com seu empregador também fora muito distinto do antigo vínculo que o servo ou dependente pré-industrial tinha para com seu senhor. Tratava-se de uma relação humana e social muito mais complexa, que implicava deveres recíprocos, ainda que muito desiguais. Ademais, o trabalho industrial (sobretudo o trabalho numa fábrica mecanizada) difere do trabalho pré-industrial sob muitos aspectos: deixa de estar dependente da variação das estações climáticas e dos caprichos de outros seres humanos ou de animais, e passa a impor a tirania do relógio, onde a máquina regula o tempo de trabalho;

suprime a multiplicidade de tarefas em ocupações não afetadas pela divisão racional do trabalho, o tempo de lazer e as antigas tradições, e passa a forçar o novo operariado ao trabalho mecanizado e exaustivo, quer por meio da disciplina, multas, ou através de leis que os ameaçava com prisões por quebra de contrato e por miseráveis salários, calculado cuidadosamente para não afastá-los do trabalho por mais tempo que o necessário para comer, dormir e orar no Dia do Senhor.

Havia um conflito entre a antiga “economia moral” e a nova racionalidade econômica capitalista, manifestado com clareza no contraste entre a concepção tradicional e a dos economistas liberais de classe média sobre a previdência social. Na concepção tradicional, que ainda sobrevivia nas classes da sociedade rural e nas relações internas dos grupos da classe trabalhadora, o homem simplesmente possuía o direito de ganhar a vida, ou o direito de ser mantido vivo por sua comunidade, caso não lhe fosse possível se sustentar. Já para os economistas liberais, os homens tinham a obrigação de aceitar os empregos que o mercado oferecesse, independente do lugar ou da remuneração. Por meio da poupança e do seguro, individual ou coletivo, o homem racional estaria assim protegido dos infortúnios, da doença ou da velhice. Aos indigentes seria concedido apenas o mínimo (inferior ao menor salário oferecido no mercado, e nas condições mais desestimulantes possíveis) para que não morressem de fome. E foi esta visão que de certa forma prevaleceu com a substituição da Speenhamland (1795) pela Lei dos Pobres (1834), destinada “a estigmatizar os confessos fracassados da sociedade”<sup>30</sup>.

Ademais, eram deprimentes as condições de moradias nas grandes cidades industriais e vilas industrializadas (de mineiros, tecelões etc.) onde o trabalho passou a ser realizado. As cidades eram imundas e cobertas de fumaças, seus serviços públicos básicos (abastecimento de água, esgoto sanitário etc.) não atendiam a migração maciça das pessoas, que afinal padeciam, sobretudo depois de 1830, das epidemias de cólera, febre tifoide, bem como de doenças respiratórias, intestinais entre outras. Derivado diretamente da produção capitalista, o brutal pauperismo das camadas trabalhadoras urbanas impactou a consciência social não só inglesa como europeia<sup>31</sup>, e deu origem a uma larga e copiosa documentação. Será a partir da década de 1840 que a grande corrente da literatura oficial e não oficial sobre os efeitos sociais da revolução industrial irá expor e analisar as mazelas sociais. O próprio Engels, como veremos, produzirá o melhor documento a este respeito.

### ***A vida em Inglaterra e a transição para o materialismo e defesa do comunismo proletário***

Ao chegar em Manchester, Engels segue colaborando na Gazeta Renana. Em dezembro de 1842 publica cinco artigos: *O ponto de vista inglês sobre as crises internas*; *As crises internas*; *Posição dos partidos políticos*; *Situação da classe trabalhadora em Inglaterra*; *As leis do trigo*.<sup>32</sup> Um aspecto relevante a se sublinhar nessas análises é o seu reconhecimento de que na Inglaterra não são os “princípios” que determinam os “interesses”, pois os pensamentos só podem desenvolver-se a partir dos interesses. Eis aí um elo de extrema importância na formação de sua concepção materialista da história.

Nesses artigos identifica a cisão da sociedade inglesa em três classes sociais e chega à conclusão que por trás da luta dos partidos se encobre a luta de classes. Aponta que os três partidos atuantes na cena

política da Inglaterra defendem interesses de classes distintos: a aristocracia fundiária é defendida pelo partido *tory*; a burguesia industrial é defendida pelo partido dos *whigs*; e o proletariado é defendido pelos *cartistas*. Clarifica que a posição destes partidos é determinada pelos interesses materiais das classes que representam. Caracteriza o surgimento do proletariado, a classe dos “não possuidores, absolutamente pobres”, como resultado do desenvolvimento da indústria. Tem no proletariado inglês o portador da revolução social. E conclui que a revolução se torna inevitável diante das contradições do desenvolvimento industrial da Inglaterra.

Foi na Inglaterra que o jovem “comunista filosófico” fez o primeiro contato direto com um movimento proletário organizado, o cartismo<sup>33</sup> – considerado posteriormente por Lênin como “o primeiro movimento proletário revolucionário amplo, realmente de massas, politicamente constituído”<sup>34</sup>. Quando lá chegou, o movimento cartista estava em ascensão, favorecido pela crise econômica de 1841-1842<sup>35</sup> e o agravamento da situação dos trabalhadores ingleses. O norte da Inglaterra chegara a ser paralisado por uma greve geral pouco antes de sua chegada a Manchester, palco de acirrados combates classes. Os cartistas atuavam em favor da greve política geral e forçavam a adoção da Carta do Povo<sup>36</sup><sup>35</sup> pelo Parlamento, bem como exigiam aumentos salariais. Mas acabaram sendo esmagados pelas forças armadas do governo inglês. Nos artigos supracitados, Engels fez uma descrição detalhada destes acontecimentos. Avaliou que, de fato, a agitação do verão de 1842 mostrou que os proletários ingleses começaram a sentir sua força. Mas suas ações também demonstraram fraquezas. Entre as causas de seu insucesso, aponta o fato de que os cartistas encabeçaram tardiamente o movimento, havia falta de preparação e organização, ausência de uma direção única e de um objetivo claramente definido. Critica a ideia dos cartistas de “revolução pela via legal”, por concebe-la como “uma contradição, impossibilidade prática”. A lição fundamental que tira do movimento de 1842 é a consciência da impossibilidade de uma revolução por via pacífica, e que só uma transformação violenta das relações não naturais existentes, a derrubada radical da aristocracia nobre e industrial é que pode melhorar a situação material e de vida dos proletários.

Foi intensa a atividade publicista de Engels desde maio de 1843<sup>37</sup>. Escreveu em Manchester as *Cartas de Londres* (entre maio e junho de 1843), publicadas na revista *Schweizerischer Republikaner* (Zurique), onde pode melhor definir o papel do movimento cartista e das agitações socialistas na Inglaterra. Registrou os grandes êxitos do cartismo, o crescimento da influência da Associação Cartista Nacional entre as massas operárias, e sua conseqüente conversão em poderosa força de oposição às organizações burguesas. Acreditava então que o cartismo acabaria desaguando no comunismo. Considerava muito pertinente e exitosa a atividade dos socialistas ingleses em divulgar entre operários às ideias da filosofia iluminista do século XVIII, as obras de Jean-Jacques Rousseau, Paul Heinrich Dietrich von Holbach, François-Marie Arouet (Voltaire). De sua parte se esforçava em oferecer informações e análises sobre a situação inglesa aos leitores alemães. O fazia a partir de seus artigos na Gazeta Renana, suas *Cartas de Londres* e também os seus artigos publicados no *Vormwärts!* entre agosto e outubro de 1844<sup>38</sup>.

Ainda em 1843, colaborou no jornal *The Northern Star*, órgão central da imprensa cartista, bem

como com *The New Moral World*, órgão inglês do owenianismo. Neste último publicou vários artigos, entre eles *Progresso da Reforma Social no Continente* (novembro de 1843), *Rápidos avanços do comunismo na Alemanha* (entre dezembro de 1844 e maio de 1845) e *Notícias de São Petersburgo*<sup>39</sup>. No *The Northern Star*, “o único jornal que noticia[va] todos os movimentos operários”<sup>40</sup>, colaborou analisando a situação do operariado alemão e o levante dos tecelões da Silésia<sup>41</sup> no verão de 1844 – o qual fazia a partir de extratos de jornais e correspondência pessoal com pessoas bem informadas. Em suma, nestes periódicos contribui para que cartistas e owenistas melhor conhecessem as ideias e tendências socialistas e comunistas na Alemanha, França, Suíça, Rússia..., apontando seus aspectos positivos e negativos, pois percebia que eles pouco sabiam o que se passava no desenvolvimento do movimento social em outros países que não a Inglaterra. Procurou dar a conhecer ao movimento dos trabalhadores ingleses o que havia de mais avançado no pensamento socialista e comunista europeu.<sup>42</sup>

### ***As contribuições de Engels para os Anais-Franco Alemães***

Engels contribuiu com dois de seus mais importantes artigos juvenis para a revista *Deutsch-Französische Jahrbücher* [Anais-Franco Alemães], dirigida por Karl Marx e Arnold Ruge em Paris.<sup>43</sup> Os artigos foram publicados em fevereiro de 1844. Um deles foi um longo ensaio crítico do livro *Past and Present* (1843) de Thomas Carlyle, historiador inglês e renomado representante do anticapitalismo romântico. Nele, Engels aceita o diagnóstico de Carlyle sobre a situação inglesa, mas critica duramente o seu programa reformista. Carlyle publica o seu livro logo após a crise econômica de 1841/1842, a piora da situação da classe trabalhadora inglesa e a consequente greve geral e seus conflitos de classes. Se impressiona com o pauperismo das massas e a estupidez das classes dominantes em enfrentar devidamente a “questão social”. Critica a ociosidade da nobreza fundiária e a obsessão pelo enriquecimento a todo custo da burguesia industrial. Como solução propõe reorganizar o trabalho de forma mais racional, combater o utilitarismo, melhorar e ampliar as condições de vida de todos. O fundamento de suas reformas se baseia num novo idealismo, influenciado pela cultura alemã de Immanuel Kant, Johann Gottlieb Fichte, Georg Philipp Friedrich von Hardenberg e Friedrich Schelling. Já Engels, influenciado pelo humanismo materialista de Ludwig Feuerbach e o comunismo de Moses Hess, critica o novo idealismo abstrato, subjetivo e romântico de Carlyle, suas concepções religiosas, sua visão romantizada da Inglaterra feudal e o culto de personalidades históricas destacadas. Refuta sua crença de poder reorganizar o trabalho no marco da propriedade privada, contemplando interesses inequivocamente conflitivos. A atitude de Carlyle para com os operários ingleses, tratando-os como mera massa sofredora diante de seus senhores naturais, também recebe severa crítica de Engels, que via os operários ingleses, os únicos “dignos de respeito”, como uma classe combatente, cuja atividade revolucionária poderia conduzir os destinos da Inglaterra.

O outro e mais importante artigo de Engels publicado nos Anais-Franco Alemães foi o *Esboço de uma crítica da economia política*. Apesar de categorias constitutivas da economia política já estarem presentes em *Past and Present*, será o *Esboço* o seu primeiro grande ensaio de crítica da economia política. Escrito

entre fins de 1843 e janeiro de 1844, esse seminal artigo é comumente aceito como o texto inaugural da linha de pensamento denominada “marxismo”. Como o próprio Marx reiteras vezes recordou, o *Esboço* foi decisivo nos rumos tomados por sua reflexão em meados dos anos 1840. É certo que o *Esboço* suscitou em Marx grande interesse e o incentivou a aprofundar os estudos sobre economia política, de que havia começado a dedicar-se não antes do outono de 1843 em Paris.<sup>44</sup> Da leitura do “genial esboço” concluiu que análise econômica da propriedade privada capitalista deve constituir o cerne da teoria comunista.

A originalidade do *Esboço* é que ele constitui o primeiro ensaio de crítica materialista dialética da ciência econômica burguesa, onde as categorias da economia política são analisadas a partir de uma perspectiva dialética e comunista. Em linguagem filosófica (ainda sob influência do humanismo abstrato de Feuerbach), o texto já contém os elementos do socialismo científico: a vinculação das contradições econômicas à propriedade privada dos meios de produção; as contradições entre a pequena e a grande produção, tanto na indústria como na agricultura; a centralização da posse; a diferenciação crescente das classes sociais; as crises de superprodução cada vez mais graves; a inevitabilidade do socialismo.

Engels foi o primeiro a identificar na propriedade privada capitalista a base de toda vida material e intelectual da sociedade burguesa. Ele historiciza as categorias econômicas e revela o seu condicionamento histórico-social. Analisa os fenômenos econômicos em interligação e interdependência, identificando a sua fundamental unidade e a luta dos contrários como base do desenvolvimento econômico. É certo que a análise das contradições imanentes da sociedade burguesa apoiou-se em grande medida na crítica desta sociedade por socialistas “utópicos”<sup>45</sup>. Mas há também novos postulados teóricos e conclusões independentes, a exemplo de sua análise do condicionamento dialético entre concorrência e monopólio, e consideração do caráter historicamente necessário e limitado da propriedade privada, que diferentemente de socialistas como Proudhon, aponta para a revolução profunda e radical (e não reformas pequenas e parciais) como a via real para a supressão da propriedade privada e problemas dela decorrentes.

A concorrência surge em decorrência da própria natureza da propriedade privada capitalista. Na luta concorrencial impera a lei do mais forte, estando o mais fraco condenado a perecer. Na indústria, a grande produção desaloja a pequena produção. Na agricultura, a grande propriedade fundiária absorve a pequena exploração camponesa. Nenhum monopólio é capaz de suprimir a concorrência não só entre a pequena e a grande produção, como entre os diferentes produtores de mercadorias, entre capitalistas e operários ou entre os próprios operários assalariados. Engels considera o processo da concorrência e da centralização do capital leis tão imanente à produção capitalista como as outras leis das crises periódicas e da pauperização das massas. São leis que independem da vontade dos homens e mulheres, são objetivas, próprias do desenvolvimento social em cuja base se assenta a propriedade privada. Por isso não podem desaparecer antes da destruição dessa forma de propriedade que as origina.

A propriedade privada e a concorrência conduzem a centralização da posse, a miséria das massas e a crises periódicas. Engels considera as crises como a mais nítida manifestação da instabilidade da sociedade burguesa. Interpretando de modo materialista as leis econômicas e sublinhando o seu caráter histórico, assevera que a produção burguesa está condenada ao fracasso. Fracassa porque essa produção

engendra uma polarização social crescente ao ponto de desatar uma revolução proletária radical e profunda, que enfim suprime o capitalismo e suas contradições. Daí todo seu esforço em submeter o sistema social e o pensamento econômico burgueses a uma crítica implacável. Daí a tarefa de contribuir na conscientização da classe trabalhadora e em sua organização para a iminente batalha revolucionária.

No *Esboço*, a crítica do capitalismo é acompanhada pela crítica dos porta-vozes e apologistas deste sistema, os economistas burgueses de diferentes escolas, mercantilistas, economia política clássica e “economistas vulgares”<sup>46</sup>. Engels ridiculariza a “irrisória ilusão” dos mercantilistas que concebem apenas o ouro e a prata como a essência da riqueza das nações. Ainda que considere as ideias econômicas de Adam Smith e David Ricardo como superiores às de mercantilistas, critica suas orientações liberais e tentativas enganadoras de demonstrar o caráter moral do comércio, a sua utilidade para todos e o seu caráter humano. De fato, ele não faz distinção entre clássicos da economia política, como Smith e Ricardo, e suas importantes contribuições para o desenvolvimento da ciência econômica, e “economistas vulgares”, a exemplo de Jean-Baptiste Say, que abandonam o esforço científico. Nesse estágio de desenvolvimento de seus conhecimentos, Engels rejeita a teoria do valor trabalho, admitindo apenas existir um valor de troca e não um valor abstrato. A diferença e o nível dos preços de mercado são determinados exclusivamente pela correlação entre oferta e procura. O lucro é o resultado de vendedores e compradores se enganarem mutuamente. Considera a teoria do valor de Smith e Ricardo (que vincula preço a valor) uma confusão deliberada com o fito de mascarar a imoralidade do comércio. Melhor formulada está sua crítica a teoria da população de Thomas Robert Malthus, considerada como “doutrina infame e baixa”, “repugnante blasfêmia contra a natureza e a humanidade”. Ao contrário de Malthus que atribui o “excesso” de população, a fome e a miséria à determinações de “leis eternas da natureza” (enquanto a população tem capacidade de se reproduzir em progressão geométrica, a força produtiva da terra e os meios de subsistência cresceriam apenas em progressão aritmética), e à responsabilidade dos males que afligem a massa dos operários a eles próprios, Engels explica o crescimento populacional pela ganância de maior riqueza por parte da burguesia, e o pauperismo como produto das contradições próprias do capitalismo.

É certo que o *Esboço* apresenta insuficiente compreensão de teorias e análises econômicas dos clássicos da economia política (reconhecida pelo próprio Engels muitos anos depois<sup>47</sup>), e que por vezes o leva a indignação puramente ética e moral, típica da forma como o pensamento socialista da época conduzia à crítica da sociedade burguesa. É nítida a influência das concepções ético-morais e iluministas dos socialistas de seu tempo, que pouco avançavam nas formulações elaboradas pelos porta-vozes da burguesia. Mas Engels foi mais longe ao situar a crítica da sociedade burguesa fora do âmbito da economia política clássica e “vulgar”. O importante a sublinhar é que dentre os socialistas e comunistas, ele foi o primeiro a aplicar o método dialético à análise das relações econômicas da sociedade burguesa. O *Esboço* forneceu a primeira e fundamental contribuição para a crítica comunista à ordem burguesa na investigação da economia.

### ***A situação da classe trabalhadora na Inglaterra***

A permanência de Engels na Inglaterra durou quase dois anos, tempo o qual pode conviver com o povo inglês e conhecer de perto a situação de vida, trabalho e a luta de seus operários. Essa vivência foi fundamental na continuidade da formação de suas concepções sociais, políticas, econômicas e filosóficas. Foi um período em que se dedicou aos estudos científicos da economia política, a observar e analisar sistematicamente a revolução industrial e a urbanização crescente, também a participar ativamente de mobilizações operárias e intervir frequentemente na imprensa inglesa e alemã. Essa primeira estância em Manchester (com passagens em outras cidades inglesas) marca a sua definitiva passagem a uma posição materialista (libertando-se de concepções idealistas) e de defesa do comunismo proletário.

Em setembro de 1844 Engels regressa a sua cidade natal<sup>48</sup>. Os meses em que permaneceu na casa paterna foram de tensão familiar. De um lado, o rico industrial que não podia compreender a recusa do filho em não assumir suas responsabilidades com os empreendimentos da família. Por outro, o jovem que se torna assumidamente comunista. O resultado desse conflito foi a partida de Engels para Bruxelas em abril de 1845, onde Marx, expulso da França, já se encontrara desde fevereiro deste ano. Antes desta partida, ainda em Barmen, dedica de bom grado boa parte de seu tempo à redação de *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.<sup>49</sup> O livro foi concluído em março de 1845, e publicado na Alemanha (em Leipzig) em fins de maio deste ano<sup>50</sup>.

Em sua principal obra de juventude, Engels (então com 24 anos) apresenta um quadro fiel das condições de vida, de luta, esperanças e perspectivas dos trabalhadores ingleses em meados do século XIX. Como ele mesmo afirma na dedicatória às *classes trabalhadoras da Grã-Bretanha*:

Vivi entre vós tempo bastante para alcançar o conhecimento de vossas condições de existência, às quais consagrei a mais séria atenção, examinando os inúmeros documentos oficiais e não oficiais que tive a oportunidade de consultar. Contudo, não me contentei com isso: não me interessava um conhecimento apenas *abstrato* de meu tema – eu queria conhecer-vos em vossas casas, observar-vos em vossa vida cotidiana, debater convosco vossas condições de vida e vossos tormentos; eu queria ser uma testemunha de vossas lutas contra o poder social e político de vossos opressores. (...) Ao mesmo tempo, graças às amplas possibilidades que tive de observar a classe média<sup>51</sup><sup>50</sup>, vossa adversária, rapidamente concluí que vós tendes razão, inteira razão, em não esperar dela qualquer ajuda. Seus interesses são diametralmente opostos aos vossos, mesmo que ela procure incessantemente afirmar o contrário e vos queira persuadir que sente a maior simpatia por vossa sorte. Mas seus atos desmentem suas palavras. Espero ter recolhido provas mais que suficientes de que a classe média – qualquer que seja a sua retórica – não possui, na realidade, outro objetivo que enriquecer à custa de vosso trabalho, enquanto puder lucrar com esse comércio indireto de carne humana. (ENGELS, 2010 [1845], p. 37-38)

De fato, o relato de Engels se baseia não apenas em publicações oficiais (relatórios de comissão parlamentares e inspetores/comissários fabris) e não oficiais (livros, panfletos, jornais e periódicos), como também em observações pessoais (vide o subtítulo da *Situação... : segundo as observações do autor e fontes autênticas*)<sup>52</sup>, constituindo um primoroso trabalho de documentação, uma valiosa fonte primária para o conhecimento da Inglaterra industrial em meados do século XIX. Na avaliação de um dos mais notáveis historiadores marxistas, trata-se de “uma obra-prima”, que continua a ser no presente (tal como fora em seu tempo) “de longe a melhor obra sobre a classe operária do período”<sup>53</sup>.

Em nossa breve exposição precedente sobre o contexto histórico inglês, já expusemos, ainda

que sinteticamente, a “questão social” vivida na Inglaterra sobretudo das décadas de 1830 e 1840. Importa aqui sublinhar, como fizeram outros, o dado de que o trabalho do jovem Engels não fora o primeiro nem o último a tratar das condições da classe trabalhadora inglesa de então, já que uma profusão de panfletos, livros e pesquisas (oficiais ou não oficiais), escritos por intelectuais dos mais variados matizes, tratavam da “questão social” não só inglesa como da Europa Ocidental em geral. Mas o livro do jovem revolucionário se nos afigura como “a obra mais importante nessa linha”<sup>54</sup> e de uma originalidade e realizações sem igual. Pelas seguintes razões: dada a sua condição privilegiada para melhor conhecer as condições da classe operária inglesa – tanto pela sua capacidade de inserir-se no meio operário (vide notas ...16 e 17), como pelo fato de seu pai ser dono de uma filial (Ermen & Engels) de fabricantes de tecidos em Manchester –, suas “observações e relações pessoais” e “fontes autênticas” eram de fato melhores do que aquelas a que tinha acesso a maioria dos que se propunham a realmente conhecer a situação da classe trabalhadora inglesa. Mas não é tanto aí que reside suas realizações e originalidade, já que Engels não se propôs apenas a retratar tal situação, mas elaborar uma análise das transformações da sociedade britânica e suas consequências políticas e sociais. Em sua análise, a revolução industrial<sup>55</sup> passou a ser fundamental na compreensão de como o capital passou a controlar a produção de mercadorias; Engels foi um dos primeiros a conceber a “população excedente” (o que depois viria a ser denominado por Marx de “exército industrial de reserva”) como parte essencial e permanente do capitalismo; bem como em indicar uma periodicidade mais precisa do ciclo industrial de prosperidade e crise; foi quem melhor compreendeu o nascente proletariado como principal produto da revolução industrial em curso na Inglaterra; foi o primeiro a buscar tratar em uma “obra exaustiva” a classe operária inglesa como um todo e não apenas certos segmentos e setores industriais<sup>56</sup>; ademais, como já exposto em trabalhos anteriores, o proletariado não se lhe afigura enquanto classe sofredora e pacífica, mas como carregado de potencialidades transformadoras para promover a sua autolibertação, pelo desenvolvimento de uma “consciência de classe” (expressão não utilizada por ele) e conseqüente organização crescente do movimento operário, capaz de romper com os grilhões que lhe acorrentam.

*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* é uma pioneira aplicação do método marxista ao estudo concreto da sociedade inglesa. Começa por analisar as alavancas<sup>57</sup> do desenvolvimento da indústria inglesa<sup>58</sup> entre a segunda metade do século XVIII e 1844/45 e as transformações dela decorrentes: a introdução de máquinas e o conseqüente nascimento do proletariado industrial e rural (oriundos de tecelões-agricultores, pequenos proprietários rurais e pequenos arrendatários); a veloz expansão da indústria; a demanda por mais braços; a ampliação dos salários; a emigração de trabalhadores de regiões agrícolas para as cidades; o crescimento populacional; o enorme processo de concentração de riquezas e a polarização de duas classes sociais, a burguesia e o proletariado nascente, cujas tendências são opostas, donde o crescente proletariado empobrecido e a decrescente burguesia cada vez mais enriquecida. Isso porque a ascensão da grande indústria e a concorrência capitalista acabavam com a pequena burguesia artesã, com o campesinato e os pequenos produtores de produtos acabados; porque o trabalhador, uma vez privado da possibilidade de tornar-se pequeno mestre artesão, passava a engrossar as fileiras do proletariado.

Engels segue analisando o crescente processo de urbanização, fruto do crescimento de vilas industriais circunvizinhas às cidades industriais.<sup>59</sup> Engels descreve com riqueza de detalhes o que se passou n'algumas das grandes (e em outras menores) cidades industriais inglesas (Londres, Manchester, Birmingham, Leeds...) e n'alguns de seus bairros miseráveis. Eram espaços onde a exploração e a competição sem fim se revelavam em sua face mais nefasta. Em suma:

Em todas as partes, indiferença bárbara e grosseiro egoísmo de um lado e, de outro, miséria indescritível; em todas as partes, a guerra social: a casa de cada um estado de sítio; por todos os lados, pilhagem recíproca sob a proteção da lei; e tudo isso tão despudorada e abertamente que ficamos assombrados diante das consequências das nossas condições sociais, aqui apresentadas sem véus... (ENGELS, 2010 [1845], p. 68-69)

Os trabalhadores que não possuíam nenhum meio de vida e de produção eram simplesmente obrigados a trabalhar por um salário medíocre e a passar fome quando desempregados, afora sobreviver em cortiços e num estado de enorme insegurança. As vidas dos trabalhadores ingleses eram regidas pelas leis da concorrência capitalista, que Engels volta a examinar com acuidade. Trata-se de uma síntese de seu esquema teórico, no qual aprofunda a argumentação exposta inicialmente no *Esboço de uma crítica da economia política*, e no qual estuda os resultados da concorrência sobre os trabalhadores entre si e examina a influência da concorrência sobre o proletariado já existente. A concorrência é o “nervo vital da ordem social vigente”, e dela deriva a crise. “A concorrência é a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa”<sup>60</sup>.

Nessa análise engelsiana, a competição entre trabalhadores gera uma “população excedente” permanente, que mantém baixo o padrão de vida dos trabalhadores. A questão do movimento dos salários aparece aqui com maior clareza. Argumenta que os salários flutuam entre um valor de subsistência mínimo (dado a competição entre os trabalhadores) e um valor superior (dado a competição entre os capitalistas). O salário médio tende a fixar-se num patamar pouco superior ao mínimo para a sobrevivência dos trabalhadores. Não se trata de um conceito rígido, e é certo que o salário dependerá de um padrão de vida habitual ou adquirido dos trabalhadores. Ademais, trabalhadores mais qualificados recebem salários maiores. Isto inclusive também contribui para a ampliação da classe operária, ao atrair tanto imigrantes rurais como estrangeiros (destaque para os irlandeses). No entanto, como dito, a competição entre trabalhadores acaba por criar uma “população excedente” permanente, que mantém num nível baixo o padrão de vida material dos trabalhadores em geral.

Essa “população excedente” se mantém permanente em decorrência do ciclo econômico de prosperidade e crise. Dado as flutuações do capitalismo faz-se indispensável uma reserva permanente de trabalhadores, salvo nos picos de maior prosperidade. Tal reserva é composta não apenas e exclusivamente de proletários, como de proletários em potencial, camponeses, imigrantes (irlandeses) e trabalhadores menos qualificados. A maior parte d'*A situação* é dedicada ao exame das condições de vida e de trabalho da classe operária (incluindo os proletariados mineiro e agrícola) e em que se transformaram esses operários (que tipo de homens são, qual sua situação física e moral) nos *diferentes* e *outros* ramos da indústria inglesa.

Em contraponto a descrição do “assassinato social” e das misérias operárias, o jovem Engels

expõe as diferentes formas de protesto e movimentos operários em luta contra os interesses da burguesia exploradora. Indica que os operários enfrentaram sua situação de exploração e infelicidade embrutecedora de diferentes maneiras. A primeira forma de revolta (brutal e estéril) foi o crime – “logo a miséria prevaleceu sobre o respeito inato pela propriedade: começou a roubar” (p.248); depois, os operários enquanto *classe* se opuseram (e pela primeira vez) à burguesia pela via da destruição de máquinas e perseguição a seus inventores. Mas isso também se revelou insuficiente e uma nova forma de oposição tornou-se necessária; esta veio pelo direito à liberdade de associação (via uma lei aprovada em 1824)<sup>61</sup>, antes permitida somente à aristocracia e à burguesia. Em todos os ramos de trabalho constituíram-se associações para proteger os operários da tirania e descaso da burguesia. Engels relata os meios pelos quais as associações costumavam utilizar para alcançar seus objetivos (destacando as greves), mas registra que “a história dessas associações é a história de uma longa série de derrotas dos trabalhadores, interrompida por algumas vitórias esporádicas”<sup>62</sup>. No entanto, foi incisivo na resposta à questão por ele mesmo levantada do por que os operários entram em greve, mesmo diante da evidente ineficácia de muitas de suas ações:

Simplemente devem protestar contra a redução do salário e mesmo contra a necessidade de uma tal redução; devem expressar claramente que, como homens, não podem adaptar-se às circunstâncias, mas, ao contrário, as circunstâncias devem adaptar-se a eles, os homens – porque sua omissão equivaleria à aceitação dessas condições de vida, ao reconhecimento do direito de a burguesia explorá-los durante os períodos de prosperidade e deixá-los morrer de fome nos períodos desfavoráveis. Os operários protestam porque ainda não perderam os sentimentos humanos – e protestam desse modo porque são ingleses, pessoas práticas, que expressam na ação o seu protesto; não são teóricos alemães, que, devidamente protocolado e posto ad acta seu protesto, vão para a casa dormir o sono tranquilo dos contestatários. Ao contrário, o protesto concreto dos ingleses tem sua eficácia: mantém em certos limites a avidez da burguesia e estimula a oposição dos operários contra a onipotência social e política da classe proprietária, ao mesmo tempo em que leva os trabalhadores a compreender que, para destruir o poder da burguesia, é preciso algo mais que associações operárias e greves. (ENGELS, 2010 [1845], p. 252-253)

A industrialização e as relações de trabalho deixaram claro aos operários que os burgueses os tratavam enquanto meras coisas, enquanto mercadorias passíveis de compra e venda. Ao serem sistematicamente desumanizados, eles cedo aprenderam as lições de sua condição social e muitos tomaram consciência de sua força por meio da constituição de associações. Estas e as greves por elas organizadas foram as primeiras formas gerais tomadas pelo movimento operário. Foram (e continuam sendo) importantes não apenas por sua eventual eficácia, mas pelas lições de solidariedade e consciência de classe que se vivenciam. Ademais, tiveram enorme significado porque foram a primeira tentativa operária de confronto direto com a concorrência entre os operários, “ainda que de modo unilateral e limitado”.

Esse é o ponto mais nevrálgico que o operário poderia encontrar para dirigir seus ataques à burguesia e à inteira estrutura da sociedade. Uma vez suprimida a concorrência entre os operários, uma vez que todos se decidam a não deixar-se explorar pela burguesia, o reino da propriedade chegará ao fim. (...) É claro que, se os operários se contentassem em apenas abolir a concorrência entre si, as leis que regem o salário voltariam a impor-se novamente; se se contentassem com isso, trairiam seu movimento atual e a mútua concorrência retornaria – por isso, não se contentarão. A necessidade os compele a destruir não uma parte da concorrência, mas a concorrência geral, e é isso que farão. Já agora, os operários compreendem cada vez mais o que lhes custa a

concorrência; compreendem, melhor que os burgueses, que a concorrência entre os proprietários, que provoca as crises comerciais e oprime os trabalhadores, também precisa ser eliminada. E bem depressa saberão *como* fazê-lo. (ENGELS, 2010 [1845], p. 253-254)

O movimento político do cartismo deu um passo à frente, representou um nível mais elevado nas lutas operárias contra a opressão burguesa, pois “o *cartismo* é a forma condensada da oposição à burguesia”<sup>63</sup>. E mesmo que derrotado na greve geral de fins de 1842, assistida de perto por Engels, ele então acreditava firmemente estar próximo “o confronto decisivo entre o proletariado e a burguesia”<sup>64</sup>. Sua análise quanto às perspectivas com que se defrontavam à burguesia inglesa eram: primeiro, e na pior das hipóteses, que a indústria americana viria suplantar à inglesa dentro de duas décadas, já que “se existe um país que dispõe de meios para assumir o monopólio industrial, esse país é a América”<sup>65</sup>. A alternativa ao então “supérfluo” proletariado inglês seria “morrer de fome de fome ou fazer a revolução”<sup>66</sup>; segundo, e supondo agora que a Inglaterra conseguisse conservar o monopólio industrial, o resultado seria o crescimento de suas fábricas e o consequente prosseguimento de novas e mais intensas e violentas crises comerciais, conjugado com o enorme crescimento do proletariado (dado a progressiva ruína da pequena burguesia e a concentração do capital em mãos de poucos), que “num breve lapso de tempo” viria a constituir-se na quase totalidade da nação. Nesse novo cenário, “o proletariado veria como é fácil derruir o poder social existente – e então seria a revolução”<sup>67</sup>. No entanto, em vista das próximas crises que se aproximavam (Engels previu a primeira entre 1846/47 e outra por volta de 1852/53), da concorrência estrangeira, da ruína crescente da classe média, do desespero do proletariado e da apatia da burguesia diante dessa situação, tudo isso “abreviarão esse processo”, e antes mesmo dessa segunda crise “o proletariado inglês já estará cansado de deixar-se explorar pela burguesia e de morrer de fome quando ela não mais precisa dele”, e “deverá eclodir uma revolução sem comparação com as anteriores”, podendo tanto ser ainda “mais sangrenta” do que o 1793 na França como “adquirir uma forma menos violenta”.

Importa aqui mencionar que Engels não estava sozinho em sua previsão equivocada de uma iminente agonia final do capitalismo, pois outros observadores também assim avaliaram. O otimismo revolucionário não fora fruto exclusivo de sua juventude, mas das próprias condições históricas durante o primeiro período de crise do capitalismo britânico. Há muito sabemos que o modo de produção capitalista seguiu se expandindo desde então, atravessando sucessivas crises até desembocar nas mais recentes crises econômico-financeira, social, epidêmica e ecológica de dimensões alarmantes.

### **Considerações**

Não se trata aqui de sistematizar o que já foi exposto e analisado nas linhas precedentes sobre a vida e a obra do jovem Engels. Sua trajetória durante o primeiro terço de vida já revela “um pensador com luz própria”, na acertada acepção de Florestan Fernandes. Entregou-se resolutamente, e não apenas na juventude, as tarefas de superar a “miséria alemã” e efetivar a emancipação humana, o que lhe aproximou das causas do radicalismo democrático, do socialismo e do comunismo. Foi um dos mais eminentes teóricos revolucionários da humanidade, e, ao lado de Marx, um dos fundados do materialismo histórico e

dialético, como prova o seu *Esboço de uma crítica da economia política* e sua consequente influência que causou nos rumos tomados pela reflexão de Marx, ainda em meados dos anos 1840.

Alguns poderão alegar que as considerações críticas do velho Engels expressas em seu prefácio de 1892 sobre *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, o tornam desnecessário e mesmo desautorizam o resgate de todo o seu passado juvenil, uma vez que ele próprio o considerou como trabalho incipiente, que ainda não representava um “marxismo maduro”, e sim “uma das fases de seu desenvolvimento embrionário”. Se é assim para a sua “obra-prima” deste período, que dirá para as demais reflexões anteriores, incluindo o precioso *Esboço*. Mas isso não se sustenta, não só pelo fato de o velho Engels validar a sua republicação décadas depois, e os fundadores do marxismo julgarem tratar-se de obra com “valor suficiente para merecer preservação permanente” (Hobsbawm). É inegável que os referidos trabalhos pertencem a história de formação do marxismo, mas é também preciso reconhecer que os mesmos (e outros posteriores) possivelmente não existiriam sem o processo de formação de suas concepções democráticas revolucionárias entre os idos de 1838 e 1841, os primeiros passos em direção ao materialismo ainda nos primórdios de sua juventude, o exercício de seus múltiplos talentos e esforços prévios, toda a dedicação de estudos voltados à filosofia, história, economia política etc. As aproximações e afastamento (já manifesto no artigo *Alexander Jung, lições sobre a literatura contemporânea dos alemães*) com a Jovem Alemanha, seu envolvimento com os Livres e jovens hegelianos de esquerda, com as ideias de Heine, Börne, Strauss e Hegel, e a influência de Feuerbach, expressa nos textos *Schelling sobre Hegel*, e outros dois panfletos intitulados *Schelling e a revelação* e *Schelling, filósofo cristão*, trabalhos estes pelo qual participa do debate intelectual contra Schelling na Universidade de Berlim.

É preciso também considerar todo o aprendizado oriundo de sua atividade publicista, desde os idos de 1839 no *Telegraph* (incluindo aí o seu poema *Uma noite*, suas *Cartas de Wuppertal*, seus artigos *Sinais Retrógrados do Tempo*, *Requiem para o jornal da nobreza Alemã* e *Ernst Moritz Arndt*); na *Rheinische Zeitung* (*Liberalismo Norte-Alemão e Sul-Alemão*; *Frederico Guilherme IV*; *Rei da Prússia*, *O ponto de vista inglês sobre as crises internas*; *As crises internas*; *Posição dos partidos políticos*; *Situação da classe trabalhadora em Inglaterra*; *As leis do trigo*); na *Schweizerischer Republikaner* (*Cartas de Londres*); no *Vorwärts!* (*A Situação da Inglaterra. O Século XVIII e A Situação da Inglaterra. A Constituição Inglesa*); *The New Moral World* (*Progresso da Reforma Social no Continente*; *Rápidos avanços do comunismo na Alemanha*; *Notícias de São Petersburgo*); *Deutsch-Französische Jahrbücher* (*Past and Present* e *Esboço de uma crítica da economia política*) entre outros. Lenin chega a dizer que “não se pode compreender o marxismo e não se pode expô-lo integralmente sem ter em conta todas as obras de Engels” (ILITCHEV ET AL, 1986, p. 05).

Também não se pode compreender e expor plenamente os avanços da teoria social revolucionária, incluindo os aportes de Engels a ela, apartando-a dos contextos históricos alemão e inglês, dos rumos que esse extraordinário jovem viveu nas cidades de Barmen e Elberfeld e os horrores de miséria de seus trabalhadores e o deplorável espírito religioso intolerante que presenciou; o seu aprendizado na atividade comercial na cidade portuária de Bremen, além do alargamento de interesses e o despertar para questões sociais, políticas e religiosas; as experiências no serviço militar, o seu envolvimento com a filosofia clássica alemã na Universidade de Berlim e os seus passos iniciais em direção ao

materialismo; e a temporada decisiva que passou na Inglaterra, sobretudo em Manchester, para a continuidade da formação de suas concepções sociais, políticas, econômicas e filosóficas, por meio de seu convívio com o operariado, o engajamento com a ala mais radical do movimento cartista, a dedicação intensa aos estudos científicos da economia política inglesa e do socialismo francês, e a sua definitiva passagem a uma posição materialista (libertando-se dos resquícios de concepções idealistas) e de defesa do comunismo proletário.

A importância e validade de resgatar o jovem Engels para a atualidade está em conhecer e reconhecer que são difíceis e complexos os caminhos rumo a superação das amarras ao pensamento e práxis emancipatórias, como bem demonstra a sua trajetória (e também a de Marx). São inúmeros os trabalhos dedicados ao jovem Marx. O mesmo não pode se dizer com referência ao jovem Engels. Conhecendo-os podemos nos inspirar, encurtar nossas próprias vias, valer-nos de seus muitos ensinamentos para erigir um mundo novo, livre das opressões que ainda nos aflige. E urge fazê-lo nestes tristes tempos de avanço da barbárie, tanto aqui como em outras latitudes.

### **Referências**

- ANDERSON, Perry. O cenário germânico; Tipologia das formações sociais. *In*: ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Unesp, 2016a, p.119-123; 173-192.
- ANDERSON, Perry. Prússia. *In*: ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Unesp, 2016b, p.261-307.
- ENGELS, Friedrich. Esboço de uma crítica da Economia Política. *In*: NETTO, José Paulo. **Engels. Política**. São Paulo: Ática, 1981.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**: segundo as observações do autor e fontes autênticas. São Paulo: Boitempo, 2010.
- ENGELS, Friedrich. Prefácio à edição alemã de 1892. *In*: ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010, p.345-358.
- FREDERICO, Celso. A primeira crítica da economia política. *In*: FREDERICO, Celso. **O jovem Marx: 1843-1844**: as origens da ontologia do ser social. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p.130-146.
- HEINE, Heinrich. Os tecelões da Silésia. *In*: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Luta de classes na Alemanha**. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2010, p.23-24.
- MICHAEL, Heinrich. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra**. Volume 1: 1818-1841. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- HOBSBAWM, Eric. O Mundo na Década de 1780; A Revolução Industrial. *In*: HOBSBAWM, Eric. **A Era das revoluções: Europa 1789-1848**. 15ºed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, p.23-42; 43-69.
- HOBSBAWM, Eric. Os Resultados Humanos da Revolução industrial, 1750-1850. *In*: HOBSBAWM, Eric. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 6ºed. Rio de Janeiro: Forense, 2011a, p.69-86.
- HOBSBAWM, Eric. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano; A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. *In*: HOBSBAWM, Eric. **Como mudar o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b, p.25-52; 88-97.
- HUNT, Tristram. **Comunista de casaca**: a vida revolucionária de Friedrich Engels. São Paulo: Record, 2010.
- ILITCHEV, L.F., KANDEL, E.P., MALICH, A.I., TARTAKOVSKI, V. G. ET AL. **Friedrich Engels**.

**Biografia.** Lisboa: “Avante!”, 1986.

LUKÁCS, György. Friedrich Engels como teórico e crítico literário. *In:* LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura.** 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p.63-98.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels. Biografia.** México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

NETTO, José Paulo. Apresentação. 1º ed. rev. *In:* ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo, 2010, p.09-35.

NETTO, José Paulo. Apresentação: Marx em Paris. *In:* MARX, Karl. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844.** 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p.09-178.

### Notas:

<sup>1</sup> Professor no Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília. Coordenador do Grupo de Pesquisa Revoluções e Contrarrevoluções (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/54808>). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9192-8669> Email: [jalesdc@gmail.com](mailto:jalesdc@gmail.com)

<sup>2</sup> E aqui me coloco de pleno acordo com José Paulo Netto quando afirma: “Também como no caso de Marx, parece uma “estupidez historiográfica” (Lukács) contrapor o jovem Engels ao Engels da maturidade – não há “corte”, mas relação de ruptura e continuidade no pensamento e na prática dos dois teóricos, com suas respectivas obras constituindo uma unidade (a que, naturalmente, é alheia a reiteração identitária)” (2010, p.18).

<sup>3</sup> Valemo-nos aqui da análise que Perry Anderson faz desse primitivo modo de produção comunal da Antiguidade Germânica. Nesta rudimentar estrutura social, “a propriedade privada da terra era desconhecida: todos os anos, os líderes da tribo determinavam que parte do solo comum deveria ser cultivada e atribuíam porções dessa terra a cada clã, que delas se apropriavam em um trabalho coletivo; as redistribuições periódicas preveniam grandes disparidades de riqueza entre as famílias e os clãs, embora os rebanhos fossem privados, proporcionando riqueza aos guerreiros que lideravam as tribos. Em tempos de paz, não havia chefes que exercessem autoridade sobre todo o povo: chefes militares excepcionais eram eleitos só em tempos de guerra. Muitos dos clãs ainda eram matrilineares” (ANDERSON, 2016a, p.119).

<sup>4</sup> Anderson, 2016a, p.181.

<sup>5</sup> Segundo Anderson, “o senhorio germânico foi, tradicionalmente, uma “forma contínua”, na qual as gradações de nível tinham pouca sanção formal; a monarquia em si não estava investida de nenhum valor especial” (2016a, p.182).

<sup>6</sup> Op. cit., p.174 e 182.

<sup>7</sup> Op. cit., p.184. Diferentemente, portanto, do “que ocorrera na Inglaterra, onde a hierarquia social feudal fora instalada pela monarquia normanda, ou na França, onde ela precedeu a emergência da monarquia e, então, se reorientou em torno desta no processo de centralização concêntrica” (ANDERSON, 2016a, p.184).

<sup>8</sup> “Frederico I assumiu pessoalmente a organização de uma nova hierarquia feudal de rigidez e complexidade inigualáveis – a *Heerschildordnung* – e a criação de uma classe principesca a partir de seus feudatários, elevando-os acima do resto da nobreza, ao nível de *Reichsjarsten*”. (...) Com Frederico II, a dinastia Hohenstaufen ficou essencialmente italianizada no caráter e na orientação, deixando a Germânia a seus instrumentos baroniais. Depois de mais de cem anos de guerra, o resultado final foi a neutralização de qualquer monarquia hereditária no século XIII – quando o Império se tornou definitivamente eletivo – e a conversão da Germânia em um confuso arquipélago de principados”. (ANDERSON, 2016a, p.184-185).

<sup>9</sup> Já “na Prússia e na Rússia, um superabsolutismo emergiu no vácuo das cidades” (ANDERSON, 2016b, p.183).

<sup>10</sup> Organizado pelas associações estudantis, o “Festival de Wartburg” se propunha “comemorar um aniversário duplo: de um lado, os trezentos anos da afixação das teses de Martinho Lutero (1483-1546) e, conseqüentemente, o início da Reforma Protestante; do outro, o quarto aniversário da Batalha de Leipzig, na qual Napoleão sofrera uma derrota decisiva. Ambos os acontecimentos eram considerados pelas associações estudantis marcos da libertação da Alemanha” (HEINRICH, 2018, p.84).

<sup>11</sup> “Em 1806, o ataque de Napoleão colocou o Estado absolutista prussiano diante de seu desafio supremo. Seus exércitos foram esmagados em Iena, e a Prússia teve de assinar em Tilsit um tratado de paz que a reduziu ao *status* de satélite da França. Todo seu território a oeste do Elba foi confiscado, regimentos franceses ocuparam suas fortalezas e impuseram enormes indenizações. Foi essa crise que produziu a “Era das Reformas”. Nesse período, em seu momento de maior risco e fragilidade, o Estado prussiano conseguiu angariar uma notável reserva de talento político, militar e cultural para salvar sua existência e renovar sua estrutura. (...) O somatório de Reformas permitiu que a Prússia participasse com competência da coligação final que derrotou a França napoleônica. Ainda assim, o que compareceu ao Congresso de Viena foi, essencialmente, um *ancien régime*, ao lado da Áustria e da Rússia, suas vizinhas”. (ANDERSON, 2016b, p. 297 e 300)

<sup>12</sup> As regiões da margem esquerda do rio Reno fizeram parte da França até 1815. Durante o Congresso de Viena (1814-1815) e após a derrota de Napoleão (em 1815), a maior parte dessas regiões, incluindo a província Renânia, foi anexada à Prússia.

<sup>13</sup> A prosperidade da família de Engels inicia na segunda metade do século XVIII, com a chegada de seu bisavô, Johann Caspar (1715-1787), ao vale do Wupper. Caspar I trocara a agricultura pela indústria, e seus seguiram na empresa familiar. Johann Caspar II, o avô de Engels, chegou a ser nomeado vereador em Wuppertal no ano de 1808. também fora um dos fundadores da Igreja Protestante Unida de Barmen.

<sup>14</sup> O movimento Jovem Alemanha (*Junges Deutschland*) surgiu na Alemanha durante os anos 1830. Foi um grupo (entre eles, além

do citado Gutzkow, também Laube, Weinberg, Mundt...) de escritores democratas, críticos do liberalismo e anticapitalistas românticos, liderado por Heine e Börn. Esse último é o que mais influencia a Engels, facilitando seu caminho para o republicanismo e o radicalismo democrático. Posteriormente, o processo revolucionário de 1848 dispersou seus membros, e boa parte passou ao campo da burguesia liberal.

- <sup>15</sup> A cidade de Wuppertal é fruto da união de duas cidades vizinhas, Barmen e Elberfeld, unidas por volta de 1930.
- <sup>16</sup> Particularmente o influencia o livro *A vida de Jesus analisada criticamente*, publicado em 1835. Nele Strauss critica a fé na autenticidade de milagres dos evangélicos e revela a falta de fundamento da ortodoxia cristã. Foi em seus trabalhos que Engels despertou interesse pelas bases filosóficas das discussões religiosas.
- <sup>17</sup> Cumpriu-o na brigada de artilharia, cujas casernas situavam-se em Kupfergraben, próximo a Universidade de Berlim.
- <sup>18</sup> Os jovens hegelianos pertenciam a uma ala esquerda da escola hegeliana. Participavam desse grupo, David Strauss, os irmãos Bruno e Edgar Bauer, Arnold Ruge, Karl Köppen, Ludwig Buhl, Johann Kaspar Schmidt (Max Stirner) entre outros. Karl Heinrich Marx desempenhou nele um papel de destaque durante algum tempo, pouco antes da chegada de Engels a Berlim e de sua partida para Trier. Os Livres era um pequeno grupo de jovens hegelianos, anteriormente reunidos no *Doktorklub* de que Marx fizera parte. Edgar Bauer e Max Stiner lideravam esse cenáculo.
- <sup>19</sup> Notadamente o seu livro nitidamente materialista *A Essência do Cristianismo*, publicado em 1841. Nele, Feuerbach defende a incompatibilidade entre cristianismo e filosofia. Engels então considerava as ideias de Feuerbach como complemento aos princípios filosóficos de Hegel, não percebendo ainda suas importantes diferenças.
- <sup>20</sup> Schelling era a maior expressão do anti-hegelianismo. Ele fora designado por Eichhorn, ministro da Cultura de Frederico Guilherme IV, para a cátedra em Berlim para fins de promover a ofensiva contra o neo-hegelianismo e reverter as influências da Revolução Francesa de 1789 na cultura germânica.
- <sup>21</sup> Além de Schelling, pertenciam a essa ala da direita hegeliana Hermann Hinrichs, Georg Gabler, Karl Göschel entre outros.
- <sup>22</sup> Nesse poema Marx é descrito como “o negro de Trier de alma indomável. Não anda – corre, não, lança-se como avalanche. O olhar de águia brilha com ousadia insolente. E lança emocionado os braços para frente como se quisesse derrubar a abóbada celeste” (ILITCHEV ET AL, 1986, p.35).
- <sup>23</sup> *Montagnards* eram os representantes da classe revolucionárias (os jacobinos) durante a Revolução Francesa.
- <sup>24</sup> A Gazeta Renana foi fundada pela burguesia liberal de oposição ao governo prussiano com a ativa participação de jovens hegelianos. Era editada em Colônia. Em outubro de 1842, o jovem Marx passa a assumir a direção do jornal que toma um caráter democrático revolucionário cada vez mais forte, e que não tarda a divergir abertamente ao liberalismo burguês de seus patrocinadores. Em 18 de março de 1843 Marx demite-se da Gazeta, e poucos dias depois (em 31 de março) o jornal é fechado pelo poder repressivo do governo prussiano.
- <sup>25</sup> Engels chegou relativamente tarde ao comunismo, mesmo entre seus conterrâneos. O alfaiate Wilhelm Weitling, primeiro teórico alemão do comunismo, já havia publicado *A humanidade, como é e como deveria ser* em 1838, antes dele declarar-se comunista, o que viria a ocorrer em fins de 1842. Marx só viria a fazê-lo meses depois, não antes do segundo trimestre de 1843, passado o complexo e prolongado ajuste de contas com o liberalismo e a filosofia de Hegel. Em princípios dos anos 1840 já havia na França, Grã-Bretanha e nos Estados Unidos um próspero movimento socialista e comunista, tanto em termos teórico quanto prático, e é certo que Engels os acompanhou através de artigos publicados na Alemanha e em fontes originais.
- <sup>26</sup> Antes de sua chegada a Barmen, Engels passa por Colônia em visita a redação da Gazeta Renana, onde encontra Moses Hess – que tempos depois alegou inclusive tê-lo convertido ao comunismo. *A triarquia europeia* (1841) de Hess, publicado pouco antes de *A Essência do Cristianismo* de Feuerbach, exerceu grande influência no jovem Engels. “Ao longo de 1842, [escreve José Paulo Netto], numa provisória síntese de Feuerbach e Hess, [Engels] evoluiu rapidamente no comunismo filosófico que enformará seu pensamento até a redação d'*Asituação da classe trabalhadora na Inglaterra* – e, nessa síntese, incidirão as leituras que realiza sobre os rumos do socialismo francês (Lorenz von Stein) e as aspirações de segmentos de trabalhadores (W. Weitling)” (2010, p.23). Moses Hess foi precursor do marxismo, do movimento operário alemão e do sionismo, e exerceu por meio de seu comunismo pensado humanitária e filosoficamente significativa influência em Marx e Engels entre os idos de 1842 e 1845, antes de ambos deixarem de levá-lo à sério e criticarem o seu “Verdadeiro Socialismo” no *Manifesto Comunista* de 1848.
- <sup>27</sup> Manchester fora o berço da indústria têxtil inglesa e o maior centro do Sul de Lancashire. Fora o centro nevrálgico do capitalismo industrial. Lá viviam cerca de 400.000 pessoas. Os operários moravam em habitações miseráveis nos bairros da cidade velha, com suas ruas tortuosas e estreitas. A média burguesia vivia não muito distante, em condições melhores. Já a alta burguesia, em luxuosas casas e palacetes aos arredores da cidade.
- <sup>28</sup> Engels posteriormente (em 1895) lembrou esse encontro como “extremamente frio” por conta da avaliação negativa de Marx para com os Livres, e de sua presumida aliança de Engels com os Bauer. Cabe lembrar que os Livres aos poucos passaram da oposição liberal para um radicalismo meramente abstrato, inócuo politicamente. “Marx [relembra Engels] pronunciou-se contra os Bauer, isto é, manifestou-se contra que a *Rheinische Zeitung* se tornasse predominantemente um veículo para propaganda teológica, o ateísmo, etc., em vez de ser um veículo para discussão e ação políticas; manifestou-se também contra o comunismo de frases de Edgar Bauer, que repousa no mero prazer de ‘ir o mais longe possível’... Como eu mantinha correspondência com os Bauer, passava por seu aliado, enquanto Marx me era tornado suspeito por eles” (Carta de Engels a Franz Mehring, fim de Abril de 1895. MEW, Bd. 1, S. 459 *apud* ILITCHEV ET AL, 1986, p. 37).
- <sup>29</sup> As referências fundamentais de que nos valem para compor este breve contexto inglês foram: o clássico trabalho de Friedrich Engels sobre *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*; os capítulos *Os Resultados Humanos da Revolução Industrial, 1750-1850*, *O Mundo na Década de 1780* e *A Revolução Industrial*, de autoria de Eric Hobsbawm.
- <sup>30</sup> Hobsbawm, 2011a, p.79.
- <sup>31</sup> A respeito de Manchester, reproduzimos dois registros contemporâneos: o do liberal francês Alexis De Tocqueville – “A

civilização faz seus milagres e o homem civilizado é quase levado de volta à selvageria” – e o do norte-americano Colman – “Natureza humana esmigalhada, defraudada, oprimida e esmagada, lançada em fragmentos sangrentos por toda a face da sociedade”. Citados em Hobsbawm, 2011a, p.77 e 86.

- <sup>32</sup> Esses artigos foram as suas últimas contribuições para a Gazeta Renana. Transformado em um combativo órgão democrático revolucionário, o jornal fora submetido em fins de 1842 a dura censura. Em janeiro de 1843 o governo prussiano nomeou um terceiro censor, e em 1 de abril fora fechado. Engels ficou até maio de 1843 sem intervir na imprensa, dedicando ao estudo do proletariado inglês. Ao fundar o serviço na Rua Southgate, dirigia-se aos bairros operários, conversava com os operários, muitos destes irlandeses, questionando-lhes sobre suas condições de trabalho e de vida. Engels visitava suas habitações, passou a conhecer seus hábitos e costumes. Adquiriu amigos, a exemplo do poeta alemão Georg Weerth, que com o tempo tornou-se um dos mais próximos companheiros de luta de Engels e Marx. Conheceu Mary Burns, sua futura esposa, operária irlandesa da fábrica em cujo escritório trabalhava. Foi Mary quem lhe abriu as portas dos meios proletários.
- <sup>33</sup> Em Manchester conheceu James Leach, operário fabril e destacado representante do movimento cartista. Ele em muito contribuiu para que Engels melhor conhecesse a vida dos operários ingleses e as atividades do partido cartista. A brochura de Leach *Fatos Irrefutáveis sobre as Fábricas por Um Operário de Manchester* (1844) foi amplamente utilizada por Engels em sua mais importante obra de juventude, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Sabe-se que Engels fora um participante assíduo nos comícios convocados pelos cartistas, e assinante de seus jornais e revistas. Viajou no verão de 1843 para Leeds para conhecer a redação do jornal *The Northern Star*, principal órgão dos cartistas, dirigido por George Julian Harney, um destacado representante da ala revolucionária do movimento cartista. Engels colaborou regularmente com o *The Northern Star*. Também estabeleceu contatos diretos com socialistas discípulos de Robert Owen (o grande “socialista utópico” inglês), a exemplo de John Watts, alfaiate e doutor em filosofia, então líder dos socialistas de Manchester. Foi através dele que Engels conheceu de perto a atividade dos owenistas. Engels considerava-se membro do partido cartista, e de fato era um militante ativo do movimento.
- <sup>34</sup> V. I. Lênin, *A Terceira Internacional e o seu lugar na história*. In *Obras completas*, t.38, p.305. Citado em Ilitchev et al, 1986, p.38.
- <sup>35</sup> Eric Hobsbawm avaliou essa crise como “a mais catastrófica depressão econômica do século XIX”. (2011, p.94)
- <sup>36</sup> A Carta do Povo, publicada em maio de 1838, reivindicava o direito de participação dos trabalhadores no Parlamento, portanto uma base mais democrática para a Câmara Alta. Mais especificamente, o documento reivindicava “seis pontos”, assim resumidos mais tarde por Engels: “1) sufrágio universal para todos os homens maiores, mentalmente sadios e não condenados por crimes; 2) renovação anual do Parlamento; 3) remuneração para os parlamentares, para que os indivíduos sem recursos possam exercer mandatos; 4) eleição por voto secreto, para evitar a corrupção e a intimidação pela burguesia; 5) colégios eleitorais iguais, para garantir representações equitativas e 6) supressão da exigência (...) da posse de propriedades fundiárias no valor de trezentas libras como condição para a elegibilidade – isto é, qualquer eleitor pode tornar-se elegível” (2010 [1845], p.262). Tais pontos, ainda que referidos exclusivamente à Câmara Baixa, eram suficientes, na avaliação de Engels, “para fazer ruir a Constituição inglesa e, com ela, a rainha e a Câmara Alta” (IDEM, p.262-263). A Carta ao Povo foi principal documento de luta dos operários ingleses e que deu nome ao movimento cartista.
- <sup>37</sup> Ao que parece também foi em maio de 1843 que Engels conheceu, em Londres, uma organização secreta de operários comunistas alemães, a Liga dos Justos (*Bund der Gerechten*). Seus dirigentes (Karl Schapper, Heinrich Bauer e Joseph Moll) propuseram que Engels entrasse logo na Liga, mas não o fez também por não partilhar de suas ideias de um comunismo igualitário limitado.
- <sup>38</sup> O *Vornwärts!* [*Avante!*] fora um periódico alemão editado em Paris durante o ano de 1844. Era voltado aos emigrantes e leitores do interior da Alemanha. *A Situação da Inglaterra. O Século XVIII e A Situação da Inglaterra. A Constituição Inglesa* foram os artigos que Engels publicou nesse periódico.
- <sup>39</sup> Foi nesse artigo que Engels se dedicou pela primeira vez ao exame da situação da Rússia. Nele expôs o caráter reacionário da política do governo tsarista.
- <sup>40</sup> Citado em Engels, 2010 [1845], p.259.
- <sup>41</sup> A rebelião dos tecelões da Silésia (então província oriental da Prússia) ocorreu entre os dias 4 e 6 de junho de 1844. Foi a primeira revolta operária na história moderna alemã, duramente reprimida pelo exército prussiano de Frederico Guilherme IV. Heinrich Heine, poeta alemão exilado em Paris e grande amigo de Marx, dedicou bela homenagem aos tecelões insurretos em um de seus mais notáveis poemas políticos, *Os tecelões da Silésia*.
- <sup>42</sup> Engels acompanhava atentamente as ideias socialistas e comunistas de Gracchus Babeuf, Claude-Henri de Saint-Simon, Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon, Etienne Cabet, Wilhelm Weitling etc.
- <sup>43</sup> Após a publicação do primeiro e único exemplar (duplo) dos Anais-Franco Alemães, as autoridades prussianas, que exerciam forte vigilância dos emigrados alemães em Paris (no caso de Marx, o observavam desde os tempos que participara da Gazeta Renana), não só proibiram a circulação do periódico na Alemanha, como em 16 de abril de 1844 determinaram aos guardas de fronteira que prendessem seus responsáveis (Marx, Ruge, e também o poeta G. Herweg).
- <sup>44</sup> José Paulo Netto nos recorda que o primeiro texto resumido por Marx em seus *Cadernos de Paris* (1844) foi a *Esboço*. Mais tarde, no prefácio de *Para a Crítica da Economia Política Política* (1859) caracterizou-o como “genial esboço para a crítica de categorias econômicas”. Em *O Capital* (1867) também cita-o diversas vezes. E apesar de Engels sempre ter negado influenciar Marx, há quem defenda que “ele foi o primeiro e único a propósito do qual se pode falar de uma influência ou, mais exatamente, de uma contribuição à doutrina de Marx” (H. Lefébvre, *La pensée de Karl Marx*. Paris, Bordas, p.103-104 *apud* José P. Netto, Apresentação, p.28). Para Celso Frederico, “Engels não só iniciou Marx no estudo da economia política, como também lhe forneceu elementos conceituais para a crítica dessa ciência” (2009, p.130-131). A publicação do *Esboço* marca o início da correspondência entre Marx e Engels. O segundo encontro pessoal entre ambos, já em Paris, não só apaga a frieza do primeiro como sela o início de uma profunda e duradoura amizade.

- <sup>45</sup> A expressão “socialistas utópicos” fora utilizada por Marx e Engels apenas posteriormente, num momento mais avançado de suas formações.
- <sup>46</sup> O mesmo se pode dizer da expressão “economistas vulgares”.
- <sup>47</sup> Esse reconhecimento veio numa carta dirigida a Wilhelm Liebknecht, datada em 13 de abril de 1871, na qual Engels faz autocrítica “extremamente rigorosa e injusta” (a avaliação é de José Paulo Netto), pois não sublinha seus enormes méritos. Nesta carta, Engels referiu-se ao *Esboço* como um artigo obsoleto, com certas inexatidões e que apresentava tão somente interesse histórico. Com todos os méritos do *Esboço*, importa sublinhar com Eric Hobsbawm que esse artigo não está entre os documentos que os fundadores do marxismo julgavam ter valor suficiente para merecer permanente preservação, como é o caso da obra posterior de Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.
- <sup>48</sup> Pouco antes de retornar a Barmen, Engels visita Paris, aonde encontrará com Marx, agora pela segunda vez. É um outro encontro, que marca o início de uma longa amizade e de profunda colaboração intelectual. A essa altura ambos trocavam correspondências e suas afinidades já eram claras. Essa aproximação se deu pelo impacto positivo que a leitura do *Esboço de uma crítica da Economia Política* causou em Marx. Nesse novo encontro pessoal, estiveram juntos por dez dias em fins de agosto de 1844, inicialmente no *Café de la Régence* e posteriormente na casa de Marx. Recordando esses momentos anos depois (em 1885), Engels dizia: “quando, no verão de 1844, visitei Marx em Paris, ficou patente nosso acordo em todos os terrenos teóricos e data dessa época nossa colaboração” (NETTO, 2015, p.110). Entre abril de 1845 e fevereiro de 1848 Engels irá se dividir entre a Bruxelas e Paris. Juntamente com Marx, se envolve ativamente na organização do movimento operário revolucionário; em contatos com associações de trabalhadores; no estímulo para a criação de núcleos proletários; na divulgação de ideias comunistas, bem como o combate aos utopismos e soluções reformistas; se envolve em polêmicas, publica artigos na imprensa operária do continente e da Inglaterra; participa de reuniões e comícios. Em fins de 1847, o II Congresso da Liga dos Comunistas atribuiu-lhes, a Marx e Engels, a redação do Manifesto do Partido Comunista, documento editado em Londres às vésperas da eclosão revolução em Paris na última semana de fevereiro de 1848.
- <sup>49</sup> Entre outras atividades de Engels durante esse novo período em Barmen, está a organização, conjuntamente com Moses Hess, de reuniões comunistas em Elberfeld (cidade vizinha).
- <sup>50</sup> Uma segunda edição em inglês só fora publicada quase meio século depois, no ano de 1887 (a edição britânica) e no ano de 1892 (edição britânica).
- <sup>51</sup> “(...) utilizei sempre a expressão classe média no sentido inglês *middle-class* (...), que designa, como a palavra francesa *bourgeoisie*, a classe proprietária, especificamente a classe proprietária que é distinta da chamada aristocracia, ou seja, aquela classe que, na França e na Inglaterra diretamente e na Alemanha indiretamente, envolta sob o manto da “opinião pública”, detém o poder estatal”. (ENGELS, 2010 [1845], p.43).
- <sup>52</sup> Ver ENGELS, F. *Fontes utilizadas por Engels*. In: ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 359-361.
- <sup>53</sup> *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* foi considerada por Hobsbawm “uma obra-prima”, se não antes, ao menos quando do prefácio que escreveu para uma tradução francesa no ano de 1961. Foi José Paulo Netto, ao apresentar ao público brasileiro uma nova versão d'*A Situação...* (a edição da Boitempo que aqui nos valem), que recorreu a este prefácio e aos motivos que levaram Hobsbawm a justificar a reedição de uma obra de meados do século XIX. O grande historiador apresentou ao público francês “três razões principais” para a reedição d'*A Situação...*: “a primeira: este livro é um marco na história do capitalismo e da moderna sociedade industrial; a segunda: ele constitui uma etapa na elaboração do marxismo, isto é, da nossa compreensão da sociedade; e a terceira diz respeito à sua qualidade literária. Simultaneamente erudito e apaixonado, articulando a denúncia e a análise, ele é, para dizê-lo numa só palavra, uma obra-prima” (*Paris, Éditions Sociales*, 1961, p.08 *apud* Netto, 2010, p.09). A essa mesma “obra-prima”, referiu-se anos depois como “a melhor obra sobre a classe trabalhadora (...) [um] livro de sua época. Mas nenhum outro pode ocupar seu lugar na biblioteca do historiador dos primórdios do século XIX e de qualquer pessoa interessada no movimento da classe operária. Continua a ser uma obra imprescindível e um marco na luta pela emancipação da humanidade” (HOBSBAWM, 2011b, p.97).
- <sup>54</sup> Op. cit. Hobsbawm, 2011b, p.89.
- <sup>55</sup> Engels foi um dos pioneiros no uso da expressão revolução industrial.
- <sup>56</sup> O próprio Engels reclama do “fato inacreditável de os ingleses não possuírem até agora uma obra exaustiva sobre a situação de seus operários – embora se saiba que há anos a estudem e andem à sua volta” (2010 [1845], p.62). E referindo-se à publicação tardia d'*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Hobsbawm sublinha o fato de que “foi preciso quase meio século para que essa obra-prima sobre os estágios iniciais da indústria na Inglaterra chegasse ao país que a tinha inspirado” (2011b, p.89).
- <sup>57</sup> A maquinaria, a divisão do trabalho e a utilização da força hidráulica, especialmente do vapor.
- <sup>58</sup> Indústria do algodão; indústria do linho; grandes jazidas de carvão; produção de ferro; agricultura; comunicação; ferrovias; e navegação.
- <sup>59</sup> Ao requerer maiores investimentos em capital e mão-de-obra, a indústria mecanizada cria comunidades ao seu redor, que produzem “populações excedentes”, forçando o declínio dos salários. As vilas industriais surgem devido as vantagens econômicas que proporcionam aos industriais, atraídos pelos baixos salários.
- <sup>60</sup> Vide Op. cit., p.117.
- <sup>61</sup> Antes de 1824 haviam sociedades secretas entre os operários. Engels apresenta uns poucos exemplos dessas sociedades (Op. cit., p.249), e sublinha que elas não obtiveram resultados satisfatórios, dado a clandestinidade impedir o seu desenvolvimento.
- <sup>62</sup> Op. cit., p.251.
- <sup>63</sup> Op. cit., p.258.

---

<sup>64</sup> Op. cit., p.262.

<sup>65</sup> Op. cit., p.325.

<sup>66</sup> Op. cit., p.325.

<sup>67</sup> Op. cit., p.326.

Recebido em: 26.09.2020

Aprovado em: 17.10.2020